

CRIANÇAS INVISÍVEIS NO BRINCAR: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DO PEDAGOGO NO BRINCAR COM CRIANÇAS DO ESPECTRO AUTISTA

NATIELLY MOREIRA¹
HARDALLA SANTOS DO VALLE²

¹ Universidade Federal de Pelotas – natiellyval815@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – hardalladovalle@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O brincar é um fator determinante da cultura das infâncias, é por intermédio da brincadeira que as crianças se desenvolvem e estabelecem vínculos sociais com seus pares (Brites, 2020). Entretanto, crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tendem a apresentar mais dificuldades para criar relações por meio das interações lúdicas, devido ao déficit nas interações sociais.

O presente trabalho surgiu a partir das experiências vivenciadas no Núcleo “Infâncias, Diversidade e Inclusão”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Sob a orientação da Professora Hardalla Santos do Valle e do Professor Rodrigo Vital, o núcleo tem como foco promover pesquisas e práticas inclusivas no contexto da Educação Infantil. O referido está atrelado ao Programa de Atenção Precoce na Infância (ProAPI), que articula com a área de saúde, assistência social e educação, a fim de propagar a inclusão e aprimoramento na qualidade de vida de crianças desde a primeira infância.

De acordo com essa perspectiva, esse estudo tem por objetivo apresentar reflexões sobre as mediações nas práticas lúdicas da educação infantil com crianças com TEA, realizadas pela pesquisadora, ressaltando a importância dessas ações. Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, na qual a observação participante foi empregada como estratégia metodológica central. A pesquisa foi realizada em uma instituição de Educação Infantil situada no bairro Fragata, na cidade de Pelotas. Os registros foram construídos com base nas experiências observadas ao longo do acompanhamento, tomando como instrumento os relatos descriptivos e reflexivos produzidos após cada inserção no campo.

Sob esse viés, a pesquisa adota como linha principal a Sociologia da Infância, cujo principal autor é William Corsaro, que comprehende a criança como sujeito social ativo e produtor de cultura. Além dessa base teórica, serão considerados outros referenciais que contribuem para a análise, como Vygotsky (2007), Alves e Alves (2016) e Carvalho et al. (2022).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As ações desenvolvidas no contexto deste trabalho ocorreram por intermédio da observação participante, que consiste no envolvimento do pesquisador com o grupo estudado em questão. As observações deram início em março, em uma escola de Educação Infantil localizada no bairro Fragata, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, com um total de 23 crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, em 12 salas referências, com idades de 4 a 6 anos, distribuídas entre os turnos da manhã e da tarde, com

uma frequência semanal de visitas à escola. O processo constituiu-se a partir do acompanhamento da rotina das crianças e do registro de suas interações por meio de diários de campo, produzidos após cada visita. Esses registros permitiram documentar não apenas os momentos de socialização e brincadeira, mas também os desafios enfrentados mediante as interações criança-criança.

Segundo o DSM-5 APA (2013), o TEA é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. No contexto escolar, essas características podem gerar isolamento, falta de iniciativa nas interações e dificuldade de compreender regras sociais implícitas, aspectos esses que comprometem a participação plena das crianças em atividades coletivas. No diário de campo, foi recorrente a percepção do isolamento das crianças com TEA, seja por iniciativa própria, seja como resultado de exclusão pelos demais colegas. Observou-se que essas crianças, muitas vezes permaneciam sozinhas durante o período destinado ao brincar.

Um caso específico chamou atenção: um menino, com TEA, que demonstrava constantemente interesse em interagir com outras crianças, era repetidamente excluído por apresentar comportamentos singulares. Em um dos momentos de brincadeira, ao ar livre, me aproximei e o convidei para brincar. Imediatamente ele sugeriu que brincássemos de esconde-esconde, e assim fizemos. À medida em que a brincadeira acontecia, outras crianças começaram a se aproximar e, de forma espontânea, passaram a participar. Esse movimento contribuiu para que a criança fosse gradualmente reconhecida pelos colegas como um par possível. CORSARO (2011) destaca que as interações entre pares são fundamentais para a construção da cultura de pares, entendida como um conjunto de atividades, rotinas e valores compartilhados entre as crianças. Essa cultura não se forma isoladamente, ela é moldada também pela forma como as crianças percebem e interpretam as ações e atitudes dos adultos. Nesse sentido, a mediação ou a ausência dela influencia diretamente a maneira como os pares reconhecem ou excluem determinados colegas. Quando o adulto participa ativamente, como ocorreu nesse episódio, ele pode modificar a dinâmica social, abrindo espaço para a inclusão e reorganização da percepção que as crianças têm umas das outras.

Neste sentido, a mediação adulta permite atribuir significados às ações da criança também no TEA. Assim, a atuação do adulto sobre a vida de uma criança torna-se imprescindível. Somente por meio da convivência em sociedade e da função do mediador do adulto ou, até mesmo por outras crianças com mais experiência, é que a criança poderá apropriar-se de condições que favoreçam o seu desenvolvimento enquanto ser social. (Alves e Alves, 2016, p. 77)

As professoras, da escola referência, ao serem questionadas sobre a continuidade desse isolamento, relataram ciência deste fato, entretanto não realizavam mediação entre as brincadeiras, o que mantinha o cenário de afastamento social. Esse posicionamento demonstra um distanciamento do potencial pedagógico nas interações infantis e a funcionalidade do adulto como mediador no processo de socialização, especialmente para crianças com TEA. Assim como VYGOTSKY (2007) salienta, é por meio da mediação que se amplia a Zona de Desenvolvimento Proximal, assim permitindo que a criança avance em suas competências sociais e cognitivas. A carência dessa intervenção representa não apenas a perda de oportunidades de socialização, mas também a perpetuação

de práticas excluientes que, muitas vezes, acabam sendo naturalizadas no cotidiano escolar.

Aquilo que a criança é capaz de fazer hoje com a ajuda, será capaz de fazer sozinha amanhã. A mediação de um parceiro mais experiente, seja adulto ou criança, possibilita a apropriação de novas formas de ação e pensamento (Vygotsky, 2007, p.98)

Sob esse viés, a mediação realizada pelo pedagogo na educação infantil, não deve ser concebida apenas em contextos de intervenções para resolução de conflitos, ou para facilitar a participação imediata de uma atividade. Ela deverá atuar como um processo formativo que permite que a criança desenvolva recursos próprios para agir, tomar decisões e se relacionar com o outro. Quando o mediador cria oportunidades de aproximação entre crianças com TEA e seus pares, ele amplia as possibilidades de interações sociais e contribui para que elas construam gradualmente autonomia nas brincadeiras e nos momentos coletivos.

Essa autonomia se manifesta não apenas no brincar em grupo, mas também na capacitação da criança de escolher atividades, propor regras, negociar papéis e sustentar interações por iniciativa própria. Dessa maneira, a mediação bem orientada torna-se uma ponte para que a criança conquiste, pouco a pouco, independência social e cognitiva, fortalecendo sua presença no espaço escolar e comunitário.

O brincar é um dos eixos centrais da Educação Infantil e um espaço propício para a inclusão. Por meio dele, a criança experimenta o mundo, exerce a imaginação, aprende a lidar com regras e cria vínculos com os colegas. Para crianças com TEA, a mediação intencional do pedagogo torna a brincadeira ainda mais significativa, favorecendo a socialização em um ambiente lúdico e acolhedor. A experiência do PIBID evidenciou esse potencial ao propor intervenções que aproximaram crianças que antes não se viam como pares possíveis. Com a mediação de um adulto, aquelas que antes permaneciam isoladas passaram a ser reconhecidas e incluídas nas dinâmicas de grupo, mostrando o brincar como recurso essencial para a efetivação da inclusão na Educação Infantil.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação participante, foi possível compreender com maior profundidade a relação entre as crianças com o Transtorno do Espectro Autista e seus colegas, evidenciando tanto os empecilhos quanto as potencialidades que emergem no brincar. O estudo revelou que quando há mediação intencional do pedagogo, a brincadeira torna-se um espaço de inclusão, no qual crianças que antes estavam reclusas passam a participar, propõem interações e são reconhecidas pelos pares. Assim, a pesquisa reforça a relevância do brincar como eixo estruturante da Educação Infantil e como ferramenta indispensável para a socialização de crianças com TEA.

No entanto, a principal barreira encontrada foi a falta de posicionamento das professoras observadas, que, apesar de reconhecerem o isolamento das crianças, optaram por não realizar mediações, permanecendo distantes das interações infantis. Essa ausência de intervenção pedagógica dificultou processos de inclusão, demonstrando a necessidade de maior compromisso e formação docente voltada para práticas inclusivas. Além disso, notou-se que a ausência de mediação

contribuiu para a perpetuação de práticas excluientes que poderiam ser superadas por meio de intervenções simples.

Assim, as reflexões construídas ao longo deste processo indicam que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência têm papel primordial em provocar novas estratégias pedagógicas e repensar práticas de inclusão, ao colocar futuros pedagogos em contato direto com a realidade escolar. Essa vivência possibilita não apenas um olhar mais sensível para as necessidades das crianças, mas também uma atuação crítica diante das lacunas observadas nas práticas docentes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ALVES, Mariana Santos; ALVES, Rosane de Moura Fé. **A importância da mediação docente nas interações e brincadeiras de crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Revista Educação Especial, v. 29, n. 54, p. 699-712, set./dez. 2016.

BRITES, Luciana. **Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância.** Editora Gente, 2020.

CARVALHO, Janaína Nogueira Maia et al. (org.). **A sociologia da infância:** possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância(s). Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2022. 223 p. ISBN 978-65-89995-36-4. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CORSARO, William **A Sociologia da infância.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.